



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Ana Carolina Dias Sarres
RA: 2041262/0

Nova História e jornalismo literário:

a contribuição de Lawrence Wright

BRASÍLIA
outubro/2007

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Ana Carolina Dias Sarres
RA: 2041262/0

Nova História e jornalismo literário:

a contribuição de Lawrence Wright

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro Universitário de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em Jornalismo.
Orientador: Prof. MsC. Fernando Braga

BRASÍLIA
outubro/2007

Ana Carolina Dias Sarres

Nova História e jornalismo literário:

a contribuição de Lawrence Wright

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro Universitário de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em Jornalismo.**

**Banca Examinadora:
Brasília, outubro de 2007**

**Prof. MsC. Fernando Antônio Pereira Braga
Orientador**

**Prof. Dr. Cláudia Maria Busato
Examinadora**

**Prof. convidado Gilson Rebello
Examinador**

**“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso;
a palavra foi feita para dizer”.**

Graciliano Ramos

Agradeço a todos que colaboraram para que eu chegasse até aqui.
Agradeço, sobretudo, aos meus pais;
presentes em todos os momentos da minha vida.

RESUMO

O jornalismo literário é uma reformulação do jornalismo diário que permite aprofundamento, criatividade e mais envolvimento por parte do repórter. Ao tratar dos atentados terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, Lawrence Wright relata o significado dos fatos e o que está por trás deles. Wright, ganhador do prêmio Pulitzer 2007, cumpriu seu papel social não só pela contribuição ao *New Journalism*, mas também, e principalmente, à história mundial

PALAVRAS-CHAVE: Nova História. New Journalism. Jornalismo literário. Livro-reportagem. 11 de setembro. Torres gêmeas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
PERCURSO DO TRABALHO	09
1 LIVRO-REPORTAGEM.....	10
2 A NOVA-HISTÓRIA	15
3 <i>NEW JOURNALISM</i>	19
4 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA	23
4.1 <i>O vulto das torres: a Al Qaeda e o caminho até o 11/9</i>	24
4.2 Jornalismo literário e sua contribuição	29
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Observa-se que, cada vez mais, o jornal diário tem perdido leitores, podendo-se apontar a migração de leitores do veículo impresso para os *sites* de notícia da internet e para a televisão. O público, atualmente, parece não ter vontade de depender do jornal impresso diário para se atualizar.

Há quem preveja o desaparecimento do veículo impresso. Alguns profissionais, contudo, acreditam em outras formas e estilos de jornalismo que podem dar folego às publicações impressas. Como forma de adaptação às novas demandas sociais, os livros-reportagem surgiram como uma alternativa para as grandes reportagens que caíram em desuso na grande imprensa.

O estilo que mescla técnicas do *New Journalism* com as características da Nova História francesa acresce recursos literários como o detalhamento de cenários, personagens, diálogos e manifestações de subjetividade. Aos repórteres é dado mais tempo para se aprofundar em detalhes antes ignorados.

O jornalismo literário acabou se tornando um valioso instrumento da própria história. Os livros-reportagem contêm detalhes obtidos por meio de técnicas até então não utilizados pela história convencional. Começou-se a valorizar a história do cotidiano, do dia-a-dia, e não somente a história de grandes acontecimentos, retratados por minorias dominantes que, em muitos casos, descartavam o “outro lado da moeda”. A história, portanto, era construída apesar desse desfalque.

O objetivo desta monografia é analisar a obra *O Vulto das Torres: A Al Qaeda e o caminho até o 11/9*, de Lawrence Wright, repórter da revista americana *The New Yorker* e ganhador do prêmio Pulitzer 2007 na categoria de não-ficção. Por meio desta análise, busca-se avaliar o papel do jornalismo na construção da história contemporânea.

PERCURSO DO TRABALHO

O objetivo inicial deste trabalho era demonstrar a contribuição de Lawrence Wright para o jornalismo literário. Antes, porém, foi necessário reunir elementos que o classificasse no gênero. Percebeu-se, todavia, que o repórter possui características que ultrapassam o *New Journalism* e que o incluem como grande contribuidor da Nova História.

De acordo com o teórico português Mário Mesquita, criou-se a doutrina da objetividade para que todos os veículos de comunicação adotassem discurso único, resultando na chamada “construção de consenso”. As diversas versões de um fato, portanto, não aparecem todas na grande imprensa.

O distanciamento e a neutralidade do jornalista cedem frequentemente lugar a diferentes atitudes dos profissionais, em nome de valores ausentes dos códigos profissionais, mas presentes nas normas não escritas das empresas midiáticas (MESQUITA, 2005, p. 28).

O “fenômeno” da objetividade e a cultura do *lead* mecanizou e engessou o jornalismo. Profissionais como Lawrence Wright seguem um caminho herdado de jornalistas contundentes como Truman Capote, Tom Wolfe, John Reed e John Hersey. Todos autores de livros-reportagem acreditam que a função social do jornalista é a de entender os acontecimentos para interpretá-los e retratá-los ao público.

Num momento em que o jornalismo contemporâneo se esconde no discurso, Lawrence conquistou êxito graças à percepção de que os impecilhos da imprensa atual não são barreiras para quem deseja produzir jornalismo crítico e completo.

Como base teórica para a pesquisa, buscam-se estudiosos do jornalismo como Evaldo Pereira Lima; e também os inovadores teóricos da história contemporânea Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Georges Duby; e jornalistas de expressão como Ignacio Ramonet, do periódico francês *Le Monde Diplomatique*.

1 LIVRO-REPORTAGEM

O jornalismo enquanto segmento da comunicação de massa exerce a função de informar, explicar e orientar. O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística não-periódica que amplia o trabalho feito pela imprensa nos temas tratados cotidianamente. Esse gênero, portanto, alcança nível superior de complexidade temática e estilística semelhantes às de um romance, o que ultrapassa as barreiras da simples informação da cotidianidade.

A maior parte da produção jornalística, realizada atualmente por grandes empresas do setor, segue feitiço industrializado em que tenta cobrir áreas diferentes de atividade com a maior velocidade possível e dentro de padrões que uniformizam a notícias. A construção de um texto por meio do *lead* – em que são respondidas as perguntas: o que, quem, quando, como, onde e porque –, faz com que o conteúdo seja reduzido em detrimento de certa objetividade e instantaneidade.

Além do fator rapidez, há o interesse das empresas de comunicação em reservar grandes espaços – tanto em tempo, no caso da TV e do rádio; quando em espaço físico, no caso de mídia impressa – para anúncios; que proporcionam a verba que viabiliza a própria existência de tal publicação. Com todos esses fatores, sobra cada vez menos tempo e espaço para a grande reportagem.

Na medida em que temas importantes não têm lugar nos veículos de comunicação de maior público, resta aos profissionais que buscam uma alternativa a elaboração de uma grande reportagem em forma de livro.

O livro-reportagem serve, portanto, para estender o papel do jornalismo contemporâneo, avançando onde a prática cotidiano não alcança e buscando uma abordagem contextual e dinâmica da realidade.

No geral, o aparato intelectual e teórico que está na essência da prática jornalística envelheceu, caducou, e a instituição jornalística não se deu conta.

Enquanto isso, outras áreas do conhecimento humano avançaram, modernizaram-se, elaborando teorias mais condizentes com o complexo mundo interligado no qual vivemos neste final de século (LIMA, 1998, p. 25).

Com as transformações sociais, comportamentais e tecnológicas que o homem sofre atualmente, a historiografia perdeu sua capacidade de difusão popular. Seu texto torna-se inacessível para o grande público. O excessivo apego à documentação afasta a história das ruas, das fontes vivas e úteis ao resgate do passado. Conseqüentemente, torna-se difícil para um texto ganhar fluidez e realmente atrair leitores.

A história, por sua origem – atrelada aos donos do poder, tendo como missão enaltecer os grandes feitos da nação, isto é, das classes dominantes –, não se cultiva nem sobre o cotidiano nem sobre os personagens distantes do núcleo do poder, mas que são mesmo assim importantes fontes (LIMA, 1995, p. 206).

É nesse vazio deixado pela historiografia convencional que o livro-reportagem pode encontrar sua especificidade, que não se confunde nem com a ficção nem com o relato histórico tradicional. A base dessa possibilidade está no fato de que muitos leitores têm prazer em descobrir, por meio da leitura, o passado real, não necessariamente tratado ficcionalmente.

Em contrapartida, áreas do conhecimento produziram técnicas de enfoque, captação e descrição da realidade mais estusiasmantes do que as ferramentas da história – e reportagem – convencional. É o caso do movimento francês da Nova História, que tem em Fernand Braudel – e, mais futuramente Michel de Certeau –, seus grandes nomes. Tal movimento futuramente se renova – e se une – com o *New Journalism* americano. É essa união em que coexistem traços de uma historiografia flexível, divulgação pública, qualidades do jornalismo interpretativo e artifícios de arte literária, que surge o exemplo de um livro-reportagem sobre a história.

Herança do realismo social, o jornalismo literário faz o intercâmbio entre o periodismo e a literatura. O auge do *New Journalism* americano produziu textos jornalístico com requintes literários revigorando o estilo de grande-reportagem.

Verificou-se que não bastava captar e contar histórias de maneira linear. Era preciso contextualizar não só os fatos, mas também os diálogos, as cenas onde

aconteciam os diálogos e as entrevistas. O melhor exemplo da aplicação do jornalismo literário no Brasil é o da revista Realidade, lançada pela editora Abril em 1966.

A produção de jornalismo literário conduz a um resgate histórico, à recuperação de episódios, ampliando limites temporais sobre os quais normalmente trabalha, aproximando-se da tarefa historiográfica. A reconstrução do passado para encontrar sua significação no presente é possível pelo reconhecimento da importância da história e de seu poder em revelar o sentido de trajetórias humanas e sociais.

O estilo livro-reportagem questiona um preceito tradicional de que o jornalismo é feito de “atualidades”. Qualquer reportagem que queira mergulhar com profundidade em determinado assunto terá, inevitavelmente, de remeter-se ao passado recente para explicar uma visão de mundo relativamente atual.

São esses vazios que possibilitam, por exemplo, a Zuenir Ventura construir, em livro, uma bela reportagem-história sobre o ano de 1968, que desliza para o passado, mas cujos efeitos persistem no presente. Estou falando de *1968 – O Ano que Nao Terminou* (LIMA, 1998, p. 14).

De acordo com Evaldo Pereira Lima, outro campo passível de observação nos veículos impressos são aqueles em que ficam perdidos diante da concorrência dos meios de comunicação. Superficial, a cobertura, na maioria dos casos, preza pela instantaneidade e acaba por não oferecer nada além do que já é encontrado em outros jornais ou revistas. Um trabalho mais elaborado de apuração, evidenciando confrontos, cenários, humanizações, intensidades psicológicas e bastidores; não é encontrado nos meios de comunicação de massa. A contemporaneidade, entretanto, é um conceito que não é freqüentemente abordado ainda que essencial para a compreensão de que uma “atualidade” compreende espaço de tempo muito mais elástico do que o presente, uma história transcende o meramente atual se estende a implicações.

Aí está outra falha fundamental que geralmente afeta a grande reportagem na imprensa contemporânea: sua concepção básica do mundo limita-se a uma obsoleta noção linear de causa e efeito. O determinismo impera. Os fatos reinam, mas não aparecem os fatores que antecedem e condicionam os fatos (LIMA, 1998, p. 15).

Quanto ao conteúdo, segundo Evaldo Pereira de Lima, o livro-reportagem trata de temas que correspondem ao real, ainda que este real seja por meio de uma intensa contextualização. Com clareza e um pouco mais de ousadia do que os convencionais, os livros-reportagem comunicam ao leitor de forma leve – assim como nos jornais – ainda que o conteúdo seja mais aprofundado.

O livro-reportagem se apresenta de uma forma intensiva em conteúdo e extensiva em detalhes. Quanto mais detalhes são dados ao leitor desse trabalho jornalístico, mais dinamizada fica a compreensão do tema, procurando unir a permanência e a profundidade, em vez da efemeridade do jornalismo diário.

Quem produz uma grande reportagem em gênero literário trabalha de maneira elástica as dimensões de tempo espaço que delimitam a narrativa. No centro está o fato que desperta o interesse da cobertura jornalística. Em um outro plano, encontra-se o espaço geográfico da ocorrência, paralelamente a um fato e local secundários. Num terceiro plano estão os efeitos e as repercussões mais importantes do tal fato ocorrido, seguidos pelo quarto plano, o espaço psicológico dos envolvidos. Cada uma dessas esferas concentra ações, personagens, detalhes e cenários que configuram um ambiente. Quanto mais força e repercussão tem um acontecimento, maior o número de esferas afetadas (LIMA, 1998, p. 31-31).

A construção da grande reportagem passa por certas etapas de produção, assim como as matérias do jornalismo cotidiano: pauta, entrevista, redação e edição. A pauta – que nasce mais livremente do que aquela presa à periodicidade – não se limita ao factual, entra mais no passado e projeta-se no futuro; dando suporte político, ideológico, moral, cultural, social e econômico à reportagem.

Entrevistas podem ser mais interativas e esclarecedoras do que as que são feitas na prática cotidiana do jornalismo. Conceituais, enquetes, investigativas, confrontativas e humanizadas: todos esses tipos de entrevistas são facilmente encontradas em livros-reportagem. Em muitos casos, essas entrevistas são complementadas por uma documentação prévia, para que haja cruzamento de informações e levantamento de dados

adicionais. Já nas etapas de redação e edição, é indiscutível a liberdade com que o autor goza sem tantas limitações de espaço e eventuais prazos.

De acordo com Lima, a intelectualização vai superar o conceito de que o jornalismo é apenas a geração mecânica de informações, que podem ou não levar ao conhecimento do mundo.

Diante do atual cenário da mídia impressa, é preciso reformular o fazer jornalístico preso às concepções técnicas, dando ao texto jornalístico a mesma atenção dada à narrativa literária. O objetivo principal não é mais fazer com que o cidadão compreenda o alcance do fato e sim que ele veja como o fato se desenrola. Os livros-reportagem retomam a idéia da propagação do conhecimento.

2 NOVA HISTÓRIA

Nos últimos quinze anos, a chamada Nova História sofreu grande impulso, a ponto de se tornar uma das expressões mais características da historiografia atual. Historiadores têm procurado afinar os instrumentos de trabalho tendo em vista compreender a realidade do passado de forma cada vez mais científica. Ainda que com novos instrumentos e novas técnicas, o discurso histórico continua sendo uma criação em que a sensibilidade e a arte de escrever desempenham papel necessário.

La Nouvelle Histoire surgiu em 1929 em Estrasburgo, na França. Fundadores da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*” (Anais da história econômica e social), Lucien Febvre e March Bloch criticavam a noção de fato histórico. Segundo eles, não há realidade histórica acabada. O historiador deveria comportar-se como um verdadeiro cientista social e fazer uma construção cuja análise possibilitaria a reconstituição ou explicação do passado. De acordo com a história proposta pelos “*Annales*”, em qualquer sociedade tudo se liga: a estrutura política e social, a economia, as crenças, as manifestações e as mentalidades.

Para Febvre e Bloch, a sociedade não se explica unicamente pelo material. Os pensadores da Nova História têm interesse pelas idéias, por aquilo que as pessoas tem em si mesmas, pelo que determina seu próprio comportamento. Fontes “narrativas” são extremamente importantes, mais do que documentos – como arquivos e leis, por exemplo –, fontes preferidas pelos historiadores mais tradicionais.

O campo que conceituava “documentos históricos” foi, portanto, ampliado com a Nova História. A história fundada essencialmente em textos e em escritos foi questionada e substituída pela construção baseada na multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas e principalmente documentos orais.

Ao longo dos anos, a história tem desempenhado função ideológica que consiste na interpretação dos fatos, narrando os acontecimentos do passado. O homem, no entanto, está em constante processo de mudança. Assim, tal interpretação factual varia com o passar do tempo, representando, de certa forma, a ordem vigente. Atualmente, com o advento de novas tecnologias e maior acesso a informação, o processo de difusão de conhecimento acontece em escala global. A história, conseqüentemente, sofre muitas transformações e, sob novas formas, conquista a mídia e o grande público. A Nova História, portanto, considera que tal modernização dos meios de produção de história faz com que pareça obsoleto continuar a considerar os fenômenos históricos nos modelos em que existiam há muitos anos.

Jornalistas e historiadores participam conjuntamente num mesmo empreendimento em busca do conhecimento, por meio de uma certa divisão do trabalho. Aos primeiros caberia estudar as incertezas, aos segundos, o passado e as suas zonas de sobre; aos artesãos do cotidiano, a febre da atualidade, aos ourives do atemporal, a angústia da perspectiva; aos caçadores do acontecimento, a colheita dos fatos, aos batedores de arquivos, a paciente reconstrução de um mundo desaparecido (ARIEËS, 1977, p. 113).

Segundo ArieËs, a origem de um fato tem importância. Entretanto, o que vem dar sentido às coisas é articulação do fenômeno em um sistema, e essa articulação não depende essencialmente da origem dos elementos. O teórico da Nova História francesa defende que cabe ao pesquisador apreender a lógica de um contexto com intuição e imaginação por meio de uma “nova educação do olhar” sob o prisma da sociologia, da psicanálise e, principalmente, da antropologia. “A vantagem dessa nova educação do olhar de um historiador ‘antropólogo’ é a fácil transposição da oposição feita entre os blocos das sociedades tradicionais e o bloco igualmente maciço da modernidade. Ela permite também reconstruir de forma mais perfeita a complexidade e a originalidade das sociedades” (ARIEËS, 1977, p.135).

A Nova História foi definida pelo aparecimento de novos problemas, novos métodos que renovaram os domínios tradicionais da história e, principalmente, pelo aparecimento no campo da história de novos objetos, em geral reservados, até então, a outras ciências sociais.

História econômica, demográfica, história das técnicas e dos costumes, não apenas história política, militar, diplomática. História dos homens, de todos os homens, não unicamente dos reis e dos grandes. História das estruturas, não apenas dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações, não história estática, história quadro. Uma história particularmente sensível às diferenças e que onde tudo pode se desenvolver de acordo com seus próprios caminhos (ARIES, 1977, p. 160).

A história tradicional legou informações preciosas graças a seus métodos e técnicas. A Nova História propõe, no entanto, novas tarefas para uma mudança de paradigma: a nova concepção do documento, que não decorre só da vontade do historiador, mas também – e principalmente – de ações conscientes e inconscientes da sociedade; a demolição de uma idéia de tempo único, homogêneo e linear, constituindo uma nova cronologia científica que data os fenômenos históricos segundo a duração de sua eficácia e não a data de sua produção; e o aperfeiçoamento de métodos de comparação, isto é, a idéia de que certos conceitos só sejam comparados com outros “comparáveis”, concluindo que a partir de tal aperfeiçoamento não sejam mais proliferadas concepções estreitas e erroneamente judicantes.

Desde que se procure o ‘sentido histórico’ de uma ideologia ou de um acontecimento, não encontram-se apenas métodos, idéias ou uma maneira de compreender, mas a sociedade a qual se refere a definição daquilo que tem ‘sentido’. Se existe, pois, uma função histórica, que especifica a constante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou um pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de ‘sentidos históricos’ (CERTEAU, 2006, p. 57).

A imprensa mundial levou um tempo para se recompor perante o choque provocado pelo áudio-visual. O debate entre televisão e jornalismo escrito perdurou até momento em que se tomou consciência de que ambos meios de comunicação são essenciais. A televisão por sua característica mais imediata; e a informação impressa, por suas palavras, comentários e fotos.

O curto prazo em que o historiador “imediatista” – possivelmente um jornalista – opera é cada vez mais compensado pela diversidade de fontes de informação. As novas tecnologias, no entanto, não permitem apenas o desenvolvimento do

quantitativo em termos de conhecimento, mas também multiplicam as possibilidades, os riscos e as ambigüidades resultantes do tempo restrito.

A mediação da história que se elabora hoje se baseia tanto em sua instantaneidade quando na relação afetiva entre o autor e o objeto de sua pesquisa, em que a seqüência de fatos estudados apresenta o interesse da coisa não apenas vista, mas vivida e criada.

Os fatos históricos já são construídos pela introdução de um sentido na ‘objetividade’. Eles enunciam, na linguagem da análise, ‘opções’ que lhes são anteriores, que não resultam portanto da observação – e que sequer são ‘verificáveis’, mas ‘falsificáveis’ graças a um exame crítico (CERTEAU, 1974, p. 5).

Condenado à subjetividade, o jornalista encontra a salvação no esclarecimento de suas orientações. A atividade do pesquisador do imediato, em muitos casos, é comandada por uma concepção da atualidade baseada no sensacional. “Será preciso que, melhor equipado intelectualmente, o pesquisador do presente possa ser admitido a caminhar nas encostas moderadas de onde as histórias se escrevem no singular” (LE GOFF, 1998, p. 223).

O jornalismo, forma elementar da história imediata, continua candidato à operação histórica na medida em que – testemunha, ator, mediador, motor ou observador – ele introduz em sua pesquisa a situação e a ordenação das seqüências em um sentido. Segundo a Nova História, o que distingue o jornalista “cotidiano” do “imediatista” é a sua aptidão a relatar os acontecimentos em sua realidade.

3 *NEW JOURNALISM*

Batizado de “*New Journalism*”, o Novo Jornalismo nasceu nos Estados Unidos em meados da década de 60 como uma alternativa ao jornalismo “objetivo” e distanciado dos fatos. O novo estilo que surgia deixava de ser uma simples reportagem para se tornar um relato quase – senão totalmente – literário.

O Novo Jornalismo propunha a valorização do repórter, libertando-o para traduzir os acontecimentos de forma mais ousada, narrando detalhes, características e idiossincrasias; tanto dos personagens, quanto do contexto, da ambientação; isto é, da própria história. Nascia um jornalismo que se dava ao luxo de investigar e de escrever.

Nesse jornalismo, nomes como Tom Wolfe, Truman Capote e Norman Mailer se limitavam a escrever ao ritmo de sua época. Este jornalismo não está muito longe da história dos historiadores.

A “reportagem-observação” busca a informação que está na cabeça das pessoas – seus pensamentos e emoções em torno do acontecimento central – e no modo de vida dos envolvidos – tudo o que os situa socialmente, tipo de vocabulário, olhar, maneirismos;

até o que comem e onde moram. A principal característica no *New Journalism* é a utilização da literatura por seus autores, isto é, das técnicas de tradução da realidade, da construção da cena, do diálogo, do ponto de vista da terceira pessoa, do registro dos detalhes simbólicos da vida cotidiana dos envolvidos.

É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando história, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto (LIMA, 2003, p. 10).

Os nomes mais expressivos do *New Journalism* americano – Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote – se tornaram verdadeiros escritores após a experiência com os livros-reportagem que produziram. No Brasil, o exemplo mais expressivo do Novo Jornalismo foi a revista Realidade, lançada em 1966.

Ainda que o Novo Jornalismo só tenha aflorado e verdadeiramente chamado atenção por volta de 1960, produções jornalísticas com características semelhantes já haviam sido feitas com maestria. A série de reportagens de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos lhe rendeu a obra “Os Sertões”. Ainda no início do século XX, o americano John Reed, autor de grande expressão, fez a cobertura de duas revoluções mundialmente importantes: a mexicana e a bolchevique, na Rússia. Ernest Hemingway e Charles Dickens foram aclamados escritores que iniciaram suas carreiras no jornalismo de características literárias.

Atualmente ainda há nomes que se destacam no cenário literário como jornalistas-escritores e podem ser considerados “filhos” do *New Journalism*. É o caso do peruano Mario Vargas Llosa, do americano Norman Mailer e do colombiano Gabriel Garcia Márquez.

De acordo com Evaldo Pereira Lima, a diferença entre o *New Journalism* e o jornalismo convencional é o modo de captação, apuração e expressão da realidade. No

jornalismo tradicional, lega-se pouca autonomia para o autor, enquanto a nova proposta jornalística busca a incorporação de técnicas e recursos próprios da literatura.

O primeiro grande critério diferencial estabelecido entre visão tradicional de jornalismo e o *New Journalism* é que, o segundo, leva em conta a percepção de que não existe um “contar o fato” de modo totalmente objetivo, verdadeiro e neutro.

O jornalismo imparcial não existe pelo seguinte motivo: não se trata de uma ciência. O que o jornalista deve fazer é ouvir os dois lados da história e ser honesto na hora de inseri-las no artigo, mas sempre haverá preferências (CARTA, 2003, p. 15).

O Novo Jornalismo também se distingue por seu compromisso direto com o factual. Trata-se da literatura baseada apenas na realidade. Segundo Yagoda e Terrane existe uma escalada de inovações que seria diferenciadora do gênero. São técnicas, abordagens e desenvolvimentos inéditos: criação de “vozes”; experimentos com sintaxe; estrutura; cronologia; qualidade de prosa; uso da subjetividade do repórter, que aparece nitidamente com suas ansiedades, pensamentos e preconceitos; e recriação de fatos por meio do maior acúmulo possível de informações.

Não se trata de garantir a veracidade de cada afirmação feita no conjunto de textos que comporiam essa produção literária, mas de nele incluir apenas os trabalhos movidos pelo compromisso com a verdade.

O jornalismo literário requer flexibilidade do jornalismo convencional para que haja espaço a essa narrativa do real. O jornalismo literário atrai para seu campo tanto jornalistas quanto escritores de ficção que desejam narrar a realidade contemporânea, empregando o arsenal narrativo de recursos que dominam.

Conforme Walter Mignolo, as construções literárias refletem a realidade construída. O jornalismo, portanto, produz uma realidade que é sempre construída por alguém, em algum lugar específico, com algum objetivo específico em mente. Apesar de todos os riscos potenciais, no entanto, no Novo Jornalismo são reveladas as experiências

“não-neutras” em relação ao lugar de onde o ato acontece e também consideras as marcas de quem reporta determinado evento.

O fato é que ao presenciar e reportar um evento, será apresentado o real e não sempre uma recriação do real. É inerente a condição humana a fusão entre objeto e sujeito, mediada, entre outros aspectos, pelo lugar social que determina essa relação. Tal mediação é feita pelas capacidades emocionais, sensíveis e racionais; nas quais a linguagem tem papel fundamental. O texto do Novo Jornalismo deve ser objetivo e ao mesmo tempo elegante. Na grande reportagem é necessário voz e ritmo, além de uma boa história.

O autor tem a liberdade de formatar a narrativa estabelecendo os ângulos e pontos de vista que são elementos da formatação da realidade em uma narrativa. Desses instrumentos nasce o poder de criação e de invenção do autor do Novo Jornalismo. A maneira com que ele vê e apresenta a situação, o problema e os personagens pode ser mais ou menos intensa, rica, significativa; dando estes ou aqueles sentidos aos acontecimentos. Em outras palavras, a manipulação de pontos de vista pelo autor é sempre um procedimento de resgate da bagagem necessária antes de se escrever. Dependendo do caso, essa característica se torna essencial para a grande reportagem.

A história em curso requer abordagens narrativas de qualidade, inovadoras, capazes de oferecer ao leitor sentido e significado profundos aos acontecimentos; o que raramente se encontra na mídia tradicional.

Seria um equívoco imaginar que o jornalismo literário morreu com o *New Journalism*. Apesar da diminuição do espaço para a grande reportagem na maioria dos periódicos, o jornalismo literário continua vivo, principalmente, no livro-reportagem.

Assim, o *New Journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário. O Novo Jornalismo é uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões de quem escreve.

4 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

Como um evento como o 11 de setembro aconteceu? Como Osama bin Laden conseguiu convencer centenas de muçulmanos a render suas vidas em uma batalha contra os Estados Unidos? O que convenceu Bin Laden a liderar tal batalha? Quais foram suas origens? Como uma criação como a dele o transformou em homem tão temido e odiado? Quem são suas esposas? Que tipo de pai ele é para seus filhos? Qual a história da “lenda” Bin Laden? Como Osama se tornou Osama?

Todas essas perguntas são exploradas em *O Vulto das Torres: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9*, obra do jornalista Lawrence Wright, repórter da revista americana *The New Yorker*.

A obra de Lawrence Wright é baseada em cinco anos de pesquisa e centenas de entrevistas no Egito, Arábia Saudita, Paquistão, Afeganistão, Sudão, Inglaterra, França, Alemanha, Espanha e Estados Unidos. O jornalista entrevistou mais de 550 pessoas –

*jihadis*¹, políticos, agentes do serviço secreto americano, jornalistas e professores – e pesquisou em inúmeros livros, panfletos, testamentos e revistas de origem fundamentalista islâmica para escrever o livro. Com ritmo e curiosidades presentes em cada página, “*O Vulto das Torres*”, entretanto, não se perde em minúcias.

Na narrativa dos eventos que levaram ao 11 de setembro, Lawrence Wright invade as idéias e a vida das pessoas, os planos e as falhas da inteligência norte-americana que culminaram no ataque às Torres Gêmeas, em Nova York.

Ao traçar a trajetória da vida de Bin Laden, Wright descartou sua pose de repórter de uma renomada revista norte-americana e aceitou o desafio de ser mentor de alguns jovens jornalistas sauditas para que então conseguisse um visto para chegar a Jidá – na Arábia Saudita – cidade natal de Bin Laden. Isso para ter uma experiência própria de viver na sociedade fechada que deu origem ao terrorista mais notório do mundo.

4.1 O vulto das torres: a Al Qaeda e o caminho até o 11/9

O livro-reportagem se desenvolve a partir do entrelace nas vidas de quatro homens aparentemente sem nenhuma relação: os dois líderes da Al-Qaeda, Osama Bin Laden e Ayman al-Zawahiri; o agente do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) John O’Neil; e o príncipe Turki al-Faisal, então líder da inteligência da Arábia Saudita.

Segundo pesquisas de Wright, o terrorismo era visto pelo FBI como um estorvo, e não uma ameaça real. Assim, poucos nos Estados Unidos, mesmo no *bureau*, conheciam ou se preocupavam com Osama bin Laden. Ele adquirira fama na *jihad*² no Afeganistão

¹ **Jihadis:** Aqueles que participam politicamente ou militarmente da *jihad*.

² **Jihad:** Luta para alcançar a fe perfeita. O Alcorão apresenta dois tipos de *jihad*: a luta interior pela perfeição, chamada de “*jihad* maior”; e o esforço para levar o Islã aos não-muçulmanos, a “*jihad* menor”.

em 1979, ano de plena Guerra Fria, quando os Estados Unidos enviaram tropas para combater invasões soviéticas no país.

O aspecto mais assustador daquela ameaça nova era o fato de que quase ninguém a levava a sério. Era estranha demais, primitiva e exótica demais. Diante da confiança dos americanos na modernidade, na tecnologia e em seus próprios ideais para protegê-los do desfile selvagem da história, os gestos desafiadores de Bin Laden e seus sequazes se afiguravam absurdos e até patéticos. No entanto, a Al-Qaeda não era um mero artefato da Arábia do século VII. Aprendera a usar ferramentas modernas e idéias modernas, o que não surpreendia, já que a história da Al-Qaeda na realidade começara nos Estados Unidos, não tanto tempo atrás (WRIGHT, 2007, p. 17).

O livro ajuda a explicar como Osama bin Laden se tornou o fundamentalista religioso temido em todo o mundo. A saga do terrorista passa por seus primeiros momentos lutando contra os soviéticos no Afeganistão, pela sucumbência de suas relações com a realeza saudita e pelo seu exílio – anos mais tarde – no Afeganistão talibã, onde planejou a queda das torres gêmeas.

No entanto não foi somente o islã que o fez “profeta da destruição”. O papel dos Estados Unidos não pode ser ignorado. A evolução de Bin Laden não seria possível se americanos não tivessem enviado suas tropas ateístas à Arábia Saudita, a terra sagrada de Meca e Medina.

A Revolução Iraniana de 1979 provocou um surto de instabilidade em toda a região do Golfo Pérsico. Em questão de meses, um regime fiel aos interesses ocidentais fora varrido pela insatisfação popular.

Dois problemas de imediato surgiram: o primeiro dizia respeito aos interesses dos Estados Unidos naquela área, já que a revolução iraniana tomou um aspecto claramente antiamericano; e o segundo é de que exatamente por ter uma proposta de formação de uma república voltada para os costumes locais, a revolução tornou-se potencialmente uma ameaça aos países vizinhos, todos eles com interesses associados ao Ocidente, particularmente aos dólares provenientes da abundância de petróleo na região.

À época, os sauditas haviam construído um sistema de defesa de mais de 50 bilhões de dólares adquirindo as armas mais sofisticadas de um dos maiores mercados de defesa do mundo: os Estados Unidos, tradicional aliado da realeza. Aparentemente, o reino dos petrodólares era invencível. A Arábia Saudita, contudo, tinha todas as armas sem ter consolidado um exército que pudesse operar os modernos tanques e aviões de guerra.

Sempre temeroso de ser derrubado e pilhado, o governo saudita gastou bilhões de dólares em armas, comprando os equipamentos mais sofisticados do mercado dos Estados Unidos, Grã Bretanha, França e China e enriquecendo ainda mais os membros da família real com proprinas polpudas (WRIGHT, 2007, p. 176).

Mirando as jazidas de petróleo árabes, o ditador iraquiano Saddam Hussein atacou o Kuwait e manteve o reino sob seu regime. A Casa Branca, ansiosa pela oferta de petróleo e pelas implicações de um governo de Hussein, persuade o rei saudita a aceitar tropas americanas para sua defesa, garantindo que o local seria evacuado assim que a ameaça cessasse.

Osama bin Laden, no entanto, estava fazendo seu próprio *lobby*, implorando ao reino que não cedesse aos americanos. Ele divulgou então seu plano de preparar, em três meses, cem mil combatentes muçulmanos treinados, pedindo que não permitissem que não-muçulmanos entrarem no país. O rei saudita optou pelos americanos.

“Estou pronto para preparar 100 mil combatentes com boa capacidade de luta em três meses”, prometeu Bin Laden ao príncipe Sultan. “Você não precisa dos americanos. Você não precisa de nenhuma outra tropa não-muçulmana. Seremos suficientes”. “Não há cavernas no Kuwait”, observou o príncipe. “O que você fará quando o inimigo atirar mísseis em você com armas químicas e biológicas?”. “Nós o combateremos com fé”, respondeu Bin Laden (WRIGHT, 2007, p. 179).

O efeito que se irradiou por todo o Oriente Médio foi a inspiração para diversos grupos e movimentos fundamentalistas islâmicos, entre eles o Talibã. O sentimento de identificação entre esses vários movimentos de resistência culminou em um ponto em comum: a Al Qaeda, de Osama bin Laden, que pregava: a restauração do Islã, a defesa dos muçulmanos oprimidos, a derrota dos inimigos do Islã, a devoção religiosa e a rejeição ao materialismo secular.

A sorte da Al-Qaeda começou a melhorar após a *fatwa*³ da coalizão para matar americanos onde quer que pudessem ser encontrados. Até então, o nome de Bin Laden e sua causa eram desconhecidos fora da Arábia Saudita e do Sudão, mas as notícias da *fatwa* entusiasmaram uma nova geração de combatentes (WRIGHT, 2007, p. 291).

Anos mais tarde, em 1996, Bin Laden se torna um dos maiores inimigos dos Estados Unidos e declara guerra ao país. O motivo, segundo ele, era a presença de forças americanas na Arábia Saudita mesmo após o término da primeira Guerra do Golfo. A partir de então foram abertos processos criminais contra o terrorista que se tornaria o homem mais procurado da história do FBI.

A declaração de guerra aos Estados Unidos, porém, revelou-se uma propaganda fascinante de sua causa – e irresistível para um homem cuja sorte havia sido tão espezinhada. É claro que seus anfitriões talibãs proibiam tal publicidade, mas, uma vez que atraiu a atenção mundial, Bin Laden não permitia que ninguém a desviasse dele (WRIGHT, 2007, p. 274).

O jornalista Lawrence Wright, em sua obra de jornalismo literário, aprofunda o conhecimento desses eventos-chave ao evidenciar o que aconteceu nos bastidores dos acontecimentos.

Outros detalhes explorados são a vida de Ayman al-Zawahiri, confidente de Bin Laden e um dos cérebros da Al-Qaeda; o do modo de vida dos reis sauditas; e os esboços de oficiais americanos que monitoravam Bin Laden na “era pré-11 de setembro”.

³ **Fatwa:** Pronunciamento legal no Islã emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico, a fim de consagrar ações que normalmente seriam consideradas criminosas.

A dinâmica do relacionamento dos dois homens transformou Zawahiri e Bin Laden em pessoas que, individualmente, nunca teriam sido. Além disso, a organização que viriam a criar, a Al Qaeda, seria um vetor dessas duas forças, uma egípcia e outra saudita. Cada uma teria de transigir para acomodar os objetivos da outra. Como resultado a Al Qaeda tomaria um rumo singular: o da *jihad* global (WRIGHT, 2007, p. 148).

Lawrence Wright explora dados sobre a burocracia norte-americana. Um dos exemplos é o de David Coleman, um agente do FBI é enviado à *Central Intelligence Agency* (CIA) para trabalhar em um departamento encarregado de investigar somente Osama bin Laden, cujo nome havia surgido como o maior financiador do terrorismo internacional. Coleman deveria examinar as informações do FBI a fim de descobrir se realmente havia motivos para prosseguir com mais investigações.

Em uma base militar na Alemanha, Coleman entrou em contato com o sudanês Jamal al-Fadl, que afirmava ter trabalhado para Bin Laden. Depois de depoimentos inverídicos e insegurança, Jamal desatou a falar de uma organização chamada Al-Qaeda. Foi a primeira vez que haviam sequer ouvido o termo. O sudanês ainda revelou detalhes sobre os campos de treinamento da *jihad* e do interesse de Bin Laden em comprar armas químicas. Quando Coleman voltou ao FBI ninguém parecia interessado; ainda assim, ele prosseguiu com as investigações conseguindo então traçar um mapa da rede Al Qaeda, que se estendia pelo Oriente Médio, África, Europa e Ásia Central. O agente ficou alarmado ao descobrir que muitos membros da organização tinham ligação com os Estados Unidos.

Tratou-se de um impasse burocrático característico e inútil, do tipo que vinha, desde o princípio, prejudicando os esforços contraterroristas das duas organizações, agravado pelo espírito vingativo de vários altos funcionários da CIA (...). A CIA era um buraco negro de onde nada saía (...) (WRIGHT, 2007, p. 298).

Lawrence Wright faz uma narração detalhada dos outros participantes, como a da vida do homem que foi a gênese de tudo: Sayyid Qutub, um pensador muçulmano egípcio que foi educado – e executado – nos Estados Unidos. Qutub inspirou uma geração de militantes por meio de sua escrita, dando-lhes a ideologia que sacudiria o mundo quase meio século mais tarde. O livro sugere que há grande influência de extremistas egípcios em bin Laden durante a formação da Al-Qaeda e de sua ideologia.

Na análise extremada de Qtub, havia pouca diferença entre os sistemas comunista e capitalista. Ambos, ele acreditava, satisfaziam apenas as necessidades materiais da humanidade. (...) O islã, por outro lado, é um ‘sistema completo’, com leis, códigos sociais, regras econômicas e seu próprio método de governo. Somente o islã oferecia uma fórmula para criar uma sociedade justa e divina. Desse modo, a luta real acabaria se revelando: não seria uma batalha entre o capitalismo e comunismo, mas entre o islã e o materialismo. E inevitavelmente o islã prevaleceria (WRIGHT, 2007, p. 27, 27).

A partir dos desdobramentos dessas vidas, é possível revelar as tendências do Islã moderno que radicalizaram Zawahiri e Bin Laden; o nascimento da Al-Qaeda e sua transformação de um instável grupo de radicais em uma organização capaz de praticar atos terroristas. São evidenciados não só fatos históricos contextualizados, mas também detalhes da burocracia americana, como os esforços do agente John O’Neil para localizar a Al-Qaeda antes do 11 de setembro e as falhas do FBI e da CIA em compartilhar informações que poderiam ter prevenido os ataques terroristas.

4.2 Jornalismo literário e sua contribuição

Especialista em Guerra Fria, Francis Fukuyama lançou ao mundo em 1989 uma idéia que especulava acerca do “Fim da História”. Segundo ele, como a Rússia – maior opositor até então do regime liberal – mostrava sinais de cansaço, e a abertura comercial dos países em desenvolvimento começava a acontecer a partir da década de 70; a conclusão de Fukuyama parecia óbvia: o fim da Guerra Fria fora completamente favorável aos Estados Unidos, pois o mundo caminhava em direção ao liberalismo. O resultado, portanto, seria o “fim” de uma fase na história, e o início de uma nova era em que os valores econômicos liberais prevaleceriam globalmente. “Até então, não haveria alternativa à democracia burguesa: um sistema baseado em regras, na operação de mercados globais e em redes transnacionais de poder corporativo”. (McGREW, 2001, p. 71).

No entanto, o que Fukuyama não esperava era que com o tão esperado fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, movimentos revolucionários transnacionais ficariam desamparados, sem o respaldo das potências até então interessadas no poder. Ataques massivos a inimigos, conseqüentemente, se tornaram ineficazes pela falta de “patrocínio”. A saída encontrada por esses pequenos grupos reacionários foram os ataques terroristas, ataques pontuais, com o objetivo de combater o *status quo* e de chamar a atenção mundial.

Ainda que os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos possam ter sido uma surpresa para o grande público, os sinais de que algo de tal porte aconteceria já era explícito na história. A ascensão do radicalismo islâmico desde o fim da década de 70, a instabilidade do Oriente Médio como um todo e a associação dos Estados Unidos a Israel são alguns dos indícios.

A Al-Qaeda, simpatizante dos talibãs, se voltou contra os Estados Unidos depois que as tropas americanas deixaram o Afeganistão desamparado com o fim da Guerra Fria e, depois, por sua presença no Golfo Pérsico ainda que Guerra do Kuwait já tivesse terminado. O caminho que Bin Laden tomou foi o do terrorismo. Seus instrumentos: carros-bomba e homens-bomba. Foi então, a partir de 1992, que uma série de atentados – a instalações militares, quartéis e embaixadas dos EUA –, e represálias chamaram a atenção do público mundial. E a “dedicação” da mídia frente o Oriente Médio cresceu ainda mais a partir de 1996, quando os talibãs afegãos – que se tornavam cada vez mais radicais – assumiram controle do governo do país.

Ainda que terrorismo não tenha surgido com Osama bin Laden ou os talibãs, três fatores contribuíram para o nascimento do terrorismo transnacional: a expansão do sistema de transporte aéreo; a diversificação de interesses políticos e ideológicos; e, talvez o mais importante, a maior disponibilidade de cobertura televisiva. A televisão – e atualmente também a internet – contribuiu para que o terrorismo crescesse de fenômeno regional e local para uma ameaça internacional. Isso pôde ser observado, por exemplo, com o cativeiro nas Olimpíadas de Munique, em 1972. (KIRAS: 2002). De acordo com apuracoes de Lawrence Wright:

A publicidade era a moeda que Bin Laden vinha gastando, substituindo a riqueza pela fama, e esta o recompensava com recrutas e doações (WRIGHT, 2007, p. 294).

Existe, para o grande público, a construção de “mitos” de incompatibilidade entre o Ocidente e o Oriente e da afirmação de que a evolução no sentido de uma sociedade democrática pluralista significa o sacrifício da religião e de valores tradicionais. Em nome da aclamada democracia, o sistema democrático não é alcançado por virtude ou consentimento dos cidadãos, mas por meio da riqueza e da violência em prol da governança.

Nesses tempos da imprensa, da alfabetização (ainda fraca) e da escolarização, o conhecimento se *torna* um instrumento de unidade e de diferenciação: um corpus de conhecimentos ou um grau de saber recorta um corpo ou isola um nível social, ao mesmo tempo que a ignorância é associada à delinquência como causa desta (CERTEAU, 2006).

O terrorismo é uma questão pulsante hoje por ter se tornado um instrumento pelo qual uma vasta região do mundo tem sido proclamada como algo a ser temido e – acima de tudo – controlado. A hegemonia do imperialismo ocidental enfraquece as concepções modernas de que o estudo da alteridade deve ser feito sob a luz da sensibilidade e da aceitação das idéias. De acordo com Edward Said, o resultado dessas generalizações costuma ser a polarização da distinção: o oriental fica cada vez mais oriental e o ocidental cada vez mais ocidental.

O especialista faz a tradução imediata do simples material oriental para uma substância aproveitável: o oriental torna-se, por exemplo, uma raça subjulgada, em exemplo de mentalidade “oriental”, tudo para o aperfeiçoamento da ‘autoridade’ da pátria-mãe. Os ‘interesses locais’ são os interesses orientalistas especiais, a ‘autoridade central’ e o interesse geral da sociedade imperial com um todo (SAID, 1990, p. 55).

As definições de terrorismo são muitas, todavia, todas partem de um único ponto em comum. Terrorismo é caracterizado, acima de tudo, pelo uso da violência. Tal violência inclui cativeiro, seqüestro, lançamento de bombas e outros ataques, geralmente com o objetivo de atingir civis.

No entanto, o propósito para o qual a violência é usada, e a motivação por trás dela, é onde as desavenças relacionadas ao terrorismo começam. Tradicionalmente, terrorismo foi separado de atos criminosos baseado na legitimidade política. De acordo

com causas terroristas, a violência é utilizada como meio de atrair atenção para as súplicas e sofrimentos de um grupo específico.

Com poucos recursos além da violência, alguns vêem o terrorismo como um método aceitável de corrigir injustiças enquanto outros consideram uma infâmia. (KIRAS, 2002, p. 55).

Atualmente, a visão histórica do Oriente Médio o terrorismo é vítima de maniqueísmo. Essa filosofia entende que o mundo está dividido entre o bem e o mal. O conceito “Maniqueísmo” se difundiu com os anos e, hoje, funciona como um adjetivo para caracterizar doutrinas fundadas em princípios que contrastam o “bem” e o “mal”, aparentemente incompatíveis (COSTA, 2003, p. 79).

O “Maniqueísmo” pode ser observado no termo “eixo do mal”, primeiro usado pelo presidente estadunidense George W. Bush – diante do Congresso norte-americano, em 2002 –, e então apropriado pela mídia para se referir aos países: Coreia do Norte, Irã e Iraque. A expressão “eixo” foi comparada, inclusive, à utilizada por outro presidente norte-americano, Ronald Reagan: “Império do Mal”, em referência à União Soviética nos anos da Guerra Fria. Outro termo que se tornou convencional é “Estados vilões”, que engloba tanto os países do “eixo do mal” quanto Cuba e Líbia, ambos desafiados dos Estados Unidos e, mais especificamente, da política de George W. Bush.

A organização de cada historiografia em função de óticas particulares e diversas se refere a *atos* históricos, fundadores de sentidos e instauradores de ciências. Sob esse aspecto, quando a história leva em consideração o “fazer história”, encontra ao mesmo tempo seu enraizamento na ação que “faz história”. Da mesma forma que o discurso, hoje, não pode ser desligado de sua produção, tampouco o pode ser a prática política, econômica ou religiosa, que muda as sociedades e que, num momento dado, torna possível tal ou qual tipo de compreensão científica (CERTEAU, 2006, p. 200).

Michel de Certeau, teórico da Nova História, chama atenção para a necessidade de refletir sobre a produção dos fatos, alertando que a metodologia histórica negligenciou a construção do discurso. Para Certeau, a história é uma operação que compreende a

relação entre o lugar do discurso, os procedimentos de análise e a construção de um texto. Ou seja, a combinação de um lugar social, de práticas científicas e de escrita.

Desde que se procure o “sentido histórico” de uma ideologia ou de um acontecimento, não encontram-se apenas métodos, idéias ou uma maneira de compreender, mas a sociedade a qual se refere a definição daquilo que tem ‘sentido’. Se existe, pois, uma função histórica, que especifica a constante confrontação entre um passado e um presente , quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou um pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de “sentidos históricos” (CERTEAU, 2006).

Segundo Evaldo Pereira Lima, o jornalismo literário não é marcado por um horizonte de tempo que se limita à atualidade, mas tem o objetivo de abarcar a vida como ela é, nas suas grandezas escondidas por trás das rotinas centrais, e não direcionar o foco de visão a um fato noticioso estreito. Para tal, profissionais do jornalismo literário dedicam-se, muitas vezes, indeterminadamente a um caso para compreender suas dimensões humanas, sociais e econômicas.

Os jornalistas literários e narradores da realidade provam que é possível escrever sobre qualquer tema. Desprezam o compromisso com o “gancho”, jargão jornalístico que determina tão fortemente temas que merecerão cobertura na mídia.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi possível apresentar uma alternativa à crise se instalou no jornalismo impresso diário: o investimento no jornalismo literário. Pesquisas mostram que cada vez mais o leitor se interessa pelo desenrolar dos fatos. Essa valorização do “porque” é de suma importância na reformulação do jornalismo impresso pois é por meio dele que as reportagens ganham corpo. O repórter explica ao leitor o significado dos fatos, o que está por trás deles e o que eles têm a ver com a vida das pessoas.

O jornalista Lawrence Wright contribuiu, sobretudo, para a consolidação do jornalismo verídico por meio de um trabalho com relatos factuais, técnicas ficcionais, narrativas engajadas e subjetivas. Para isto, o testemunho teve papel preponderante.

Como demonstrado, o trabalho de Lawrence Wright é um exemplo de como pode ser exercido o jornalismo comprometido com o social. Imerso em cinco anos de entrevistas e pesquisas extensas, Wright buscou se aprofundar para narrar com propriedade os fatos que culminaram nos ataques terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York.

Wright se preocupou em fazer relatos substanciais, fazendo com que seu trabalho se enquadre nas características da produção da Nova História francesa. Por meio das técnicas de entrevista, apuração, escrita e edição, *O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11 de setembro* é uma valorosa contribuição à história contemporânea comprovando que o jornalismo, com seus traços atuais – menos imediatista e adaptado às novas demandas de uma sociedade que exige do profissional aprofundamento –, requer cada vez mais participação e criatividade, não só para continuar cumprindo seu papel social de informar, mas também de construir, a cada dia, um novo capítulo da história da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. ; DUBY, G. ; LADURIE, E. L. R. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1977. 3ª edição.

CARTA, Gianni. *Velho novo jornalismo*. São Paulo: Codex, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CERTEAU, Michel de. *Faire de l'histoire*. Volume I, pagina 5. Paris: Gallimard, 1974.

COSTA, Marcos Roberto N. *Maniqueísmo: História, Filosofia e Religião*. Brochura, 2003.

KIRAS, James D. *Strategy in the Contemporary World: An Introduction to Strategic Studies*. Oxford University Press, 2002.

LE GOFF, J. ; LE ROY, E L. ; DUBY, G. *Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977.

LIMA, Evaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998. 1ª reimpressão.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1995. 2ª edição.

MESQUITA, Mário. *Teorias e práticas do jornalismo – da era do telégrafo ao tempo do hipertexto*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVIII, n. 2, p. 11- 41, jun/dez, 2005.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, sabers subalternos e pensamento laminar*. Belo Horizonte: UFMF, 2003.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WRIGHT, Lawrence. *O Vulto das Torres: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).